

**EM LIBERDADE UMA PROPOSTA LITERÁRIA PARA PENSAR A PRÓPRIA
HISTÓRIA DA LITERATURA**

Cleia da Rocha Sumiya (UFPR)

*Ressuscita, ó Salício; dita; escreve:
Seja o epitáfio teu: a cifra breve*
(Cláudio Manuel da Costa)

A publicação de *Em liberdade*, de Silviano Santiago em 1982, dá início a uma vertente de romances cuja matéria prima, em um exercício metaficcional, é a própria história da literatura brasileira. (WEINHARDT 2006; ESTEVES 2010). Esses romances cujo ápice de publicação se dará na primeira década do século XIX, atualmente têm no nome de Ana Miranda sua principal representante, embora uma série de autores tenham se aventurado por essa linha temática. Considerada por muitos críticos um caminho derivado da ficção histórica ou como preferem alguns, da metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon, os autores que constroem sua ficção a partir dos elementos históricos e da “apropriação do discurso” dos autores e obras que os antecedem, muitas vezes recorrem ao pastiche e à paródia.

No romance *Em liberdade*, Silviano Santiago, por meio da ficcionalização de um período da vida de Graciliano Ramos, faz uma série de reflexões sobre o próprio papel do intelectual. Para isso constrói uma narrativa metalinguística que é também um simulacro, pois brinca com os limites entre universo ficcional e seus artefatos narrativos e os dados empíricos da vida do autor. Neste sentido, David Jackson (1997:90) afirma que “como um simulacro a ficção de Silviano se constrói, antes de tudo, na interrelação da língua, memória e história encontrada nas memórias do cárcere de Graciliano”.

Silviano Santiago recorre à obra de Graciliano, diretamente fazendo recortes e parodiando seu estilo e indiretamente por meio de uma apurada reflexão bem ao estilo do autor alagoano sobre o momento literário em que o diário se insere. Silviano opta pela criação de uma narrativa que busca esconder seu caráter de ficção, se utilizando de uma série de recursos narrativos para criar um universo de verossimilhança. Um jogo complexo, porque o trabalho de pastiche só se mostra para o leitor do próprio autor parodiado, ao mesmo tempo que esse leitor sabe que Graciliano não escreveu o diário.

Como prova da maestria do autor de *Em liberdade*, e não obstante a narrativa se apresentar com o subtítulo de “uma ficção de Silviano Santiago”, Weinhardt (2006:140) aponta que a ficção “é de tal forma convincente, que o leitor eventualmente ignora essa informação e entra no jogo da publicação póstuma”.

E como se Santiago escrevesse uma narrativa para iniciados, ou dito de outra forma, embora o romance possa ser lido como diário real, só sua condição de simulacro garante a

concretização da proposta. Santiago brinca com os limites do pacto de leitura, como se dissesse que seu trabalho ficcional é tão bem feito que esse poderia ser realmente o diário de Graciliano, mas a concretização de certos elementos da trama só é possível justamente porque ele não é.

Weinhardt (2006:140) atenta para o fato de que “os cuidados na criação da atmosfera de veracidade começam na ficcionalização dos elementos rotineiramente pré-textuais”, nos quais, “o narrador vestindo a máscara de editor para criar um percurso para os originais, enredo em que o professor Silviano Santiago também é personagem” (WENHARDT, 2006:140). Na função de organizador do diário ele voltará a aparecer ao longo do romance em notas de rodapé.

Para darmos a dimensão dessa proposta, a seguir, aprofundaremos a análise feita por Weinhardt sobre o uso desses elementos pré textuais.

Na capa da primeira edição do romance, o livro se apresenta com o título *Em liberdade* e com o nome do autor Silviano Santiago. A ficha catalográfica apresenta a classificação de ficção brasileira, e o livro é publicado na coleção Literatura e teoria Literária, mostrando sua condição de escrita autorreflexiva.

A folha de rosto inicial aponta: *Em liberdade* – ficção de Silvano Santigo e a epígrafe retirada de Otto Maria Carpeaux afirma: “vou construir o meu Graciliano Ramos”. Todos esses elementos dão pistas de que o livro que se tem em mãos é uma ficção. No entanto, dificilmente o leitor comum se debruça ou observa esses elementos, portanto esta condição só está dada ao leitor crítico.

Muito incomum em textos ficcionais, exceto, em coleção de contos, o diário apresenta um sumário, e logo abaixo novamente o título *Em liberdade* - Ficção de Silviano Santiago.

No sumário são apresentados ainda o que seria os falsos elementos pré-textuais, divididos em “nota do Editor”, “Sobre esta edição” e “Mínima Moralía” (epígrafe de Adorno), e o diário de Graciliano em si. Chama atenção que é a partir desses elementos que se instala o simulacro, uma vez que eles são tradicionalmente vistos como pré-textuais, mas neste caso, já fazem parte da ficção que é a existência de tal diário.

Para entendermos ainda o processo de criação ficcional nos debruçamos ainda sobre o conteúdo dos elementos textuais paratexto.

Na nota do editor, cujo autor por acaso é o próprio Silviano Santiago, está narrado a natureza do diário:

Como está narrado com riqueza de detalhes nas *Memórias do Cárcere*, Graciliano Ramos é preso na sua residência, na rua da Caridade, em Maceió, no dia 3 de março de 1936. Era funcionário na Instrução Pública de Alagoas. Ao ser encaminhado ao Quartel do 20º batalhão, constata: “comecei a perceber que minhas prerrogativas de pequeno-burguês iam cessar, ou tinham cessado.” Embarcaram-no, primeiro e provisoriamente,

para Recife, e logo depois, no porão do navio Manaus, para o Rio de Janeiro. Na Colônia Correccional de Dois Rios, Ilha Grande, passa pelas piores experiências carcerárias que um ser humano pode sofrer. O resto do tempo permaneceu na Casa de Detenção, na rua Frei Caneca.

[...]

Ficou dez meses e dez dias na prisão.

Sem projeto existencial e literário definido, hóspede, primeiro de José Lins do Rego e, em seguida, de uma pensão do Catete, Graciliano escreveu este Diário durante 2 meses e 13 dias. (SANTIAGO, 1981:12)

Tudo que foi dito acerca de Graciliano é real, sua prisão arbitrária, sua hospedagem na casa de Lins do Rego. Os fatos estão documentados historicamente e também na literatura do próprio Graciliano em *Memórias do cárcere* e *Cadeia*. No entanto, Graciliano não escreveu o diário referido. O Santiago editor se aproveita da fala de Graciliano em *Memórias do Cárcere*, subtraindo apenas adjetivo “bestas”. Segue ainda na construção do seu paratexto ficcional citando a fala da filha do autor, Clara Ramos, que aponta “ainda diante das misérias inimagináveis, esteja comprovando a falência da sua função pensante, o colapso da razão” (SANTIAGO, 1981:12). Semelhante à fala de Graciliano, a de Clara é retirada de seu contexto, como ocorre com vários excertos citados ao longo da obra, configurando o aspecto de pastiche da obra.

Na continuidade, o editor explica como teve acesso ao diário por meio de um amigo a quem Graciliano teria entregue os originais e depois pedido para que estes fossem queimados, numa situação que segundo o autor lembra a de Kafka e Max Brod.

Criando um cenário de verossimilhança, o próprio autor insere-se na narrativa e apropria-se de acontecimentos empíricos de sua vida acadêmica, como a edição dos capítulos iniciais de *Os moedeiros falsos* de Gide e sua passagem pela universidade de Rutgers. A inserção sobre seu trabalho nos *Moedeiros Falsos* tem uma razão dupla, primeiro sustenta a ficção ao afirmar que foi graças ao relato dos “descaminhos e asperezas” de sua decifração da obra gideana que o detentor do diário o considerou capaz de organizar o manuscrito de Graciliano; segundo insere como “piscadela” ao leitor crítico, mostrando que assim como os moedeiros de Gide, ele também fabrica o falso copiando o real. Observamos ainda que este mecanismo ficcional de um autor empírico se inserir numa narrativa ficcional, foi utilizado em “Gordon Pym” de Edgar Alan Poe, conforme aponta Umberto Eco em *Seis passeios pelo bosque da ficção* (1994:26).

Na “nota sobre esta edição”, o autor fala sobre a natureza material do diário e como o organizou. Ele afirma que:

Os originais de *Em Liberdade* encontram-se batidos à máquina e com poucas correções. Aqui e ali, Graciliano teve necessidade de acrescentar frases ou mesmo parágrafos [...] encontram-se poucas correções nos originais datilografados. Tudo indica ser esta versão já bastante elaborada do texto, possivelmente dada como terminada na Pensão de Dona Elvira, em 1937, mas revista e datilografada em 1946, época que o manuscrito é oferecido a um amigo de larga data. (SANTIAGO, 1981:15).

Silviano Santiago sabe que o Graciliano empírico jamais entregaria uma obra desleixada, por isso precisa afirmar essa natureza no diário. No interior do próprio diário, Graciliano crítica os erros ortográficos e a natureza inacabada da obra de José Lins do Rego.

Num jogo interessante, que só é possível porque o diário é falso, Silviano Santiago cria hipóteses para o descarte deste.

1-Graciliano Ramos desprezou o diário porque pretendia escrever as memórias do cárcere, um texto mais elaborado sobre o período da prisão.

2- O diário complementaria o capítulo final de *Memórias* que o autor ainda pretendia escrever como afirmava em conversa com o filho, Ricardo Ramos, e que parecem fazer um resumo do conteúdo do diário: “Sensações da liberdade. A saída, uns restos de prisão a acompanhá-lo em ruas quase estranhas.”

3- O diário representava um projeto anárquico e circunstancial.

Apresenta ainda um último aspecto no qual reforça a importância do manuscrito para a biografia do autor, pois este elucidaria algumas questões pouco esclarecidas da biografia de Graciliano.

A observação final de Silviano Santiago afirma que:

O enigma perdura: por que Graciliano mandou queimar os originais de *Em liberdade*? Tentemos uma explicação: os textos de *Em liberdade* e das *Memórias do cárcere* não se casavam, não podiam coexistir simultaneamente no seu espírito. Era com o sacrifício de um que escrevia o outro, e vice-versa. Lembremos algumas datas: em 1937, tem que recalcar completamente a experiência da cadeia para escrever *Em liberdade*. Em 1946, quando escreve os primeiros capítulos das *Memórias do cárcere*, desfaz-se do diário, dando-o de presente a um amigo. Em 1952, tendo em mãos os futuros quatro volumes das memórias, só pode querer sacrificar, pelo fogo em *Liberdade*. (SANTIAGO, 1981:16)

Observamos que aqui além de um organizador ficcional, o autor cria também um crítico ficcional, que analisa as relações entre uma obra empírica e a que ele está criando no momento, embora diga que o texto do diário é anterior. Neste sentido, a análise também é ficcional, pois Graciliano não escreveu o diário, portanto ele não entra em choque com *Memórias*. Silviano escreveu o diário e sabe que ele não só responde às obras anteriores, inclusive as memórias, como as parodia.

A pergunta é porque Silviano Santiago escolheu este gênero e não outro para criar o seu Graciliano. Uma explicação bastante simples envolve a proposta a que a obra que no decorrer do próprio diário ficará clara. Silviano quer ficcionalizar não o homem de Graciliano, embora sua composição seja importante para a verossimilhança do diário, mas o que ele representa: o intelectual perseguido por um regime autoritário. Graciliano Ramos era um autor que não se repetia e ainda não havia usado este gênero, ademais o diário, permite ao

mesmo tempo uma narração simultânea dos acontecimentos e sincera, uma vez que não preconiza a existência do leitor. É essa voz autêntica de Graciliano, sua crítica do momento vivido que Silviano quer explorar.

Neste sentido, a epígrafe de Adorno usada como abertura do diário, que no entanto, Silviano não esclarece se é escolha sua ou do próprio Graciliano, atenta para o caráter de denúncia do diário:

A análise da sociedade pode valer-se muito mais da experiência individual do que Hegel faz crer. De maneira inversa, há margem para desconfiar que as grandes categorias da história podem enganar-nos, depois de tudo o que, neste meio tempo, foi feito em seu nome. Ao longo desses cento cinquenta anos que passaram desde o aparecimento do pensamento hegeliano, é ao indivíduo que coube boa parte do potencial de protesto. Não pretendo negar o que há de contestável em tal empresa [...] Não chegava, então, a confessar o peso das responsabilidades que não escapa aquele que, diante do indizível que foi perpetrado coletivamente, ousa ainda falar o individual.

Desta forma, partindo da condição de indivíduo de Graciliano, Silviano quer falar de uma coisa maior, de uma história que ultrapassa o texto ficcional, mas só pode ser denunciado por seus meandros fictícios.

O tratamento ficcional da vida de Graciliano, já iniciado no paratexto segue no interior do diário. Segundo Marilene Weinhardt:

O cuidado seguinte é a elaboração de um discurso absolutamente calcado nos recursos estilísticos do discurso de Graciliano, efetivando-se o pastiche de tal forma que dificilmente, na primeira leitura, nos damos conta da fratura que está no plano semântico e alcança a opção discursiva. [...] A técnica de convencimento recorre a minúcias sobre o cotidiano baseado em detalhes biográficos do escritor. (WEINHARDT, 2006:140).

O diário de Graciliano começa com uma epígrafe, a qual o editor em nota de rodapé afirma ser retirado de *Angústia*: “Não sou um rato. Não quero ser um rato.” A frase aqui é tomada da personagem ficcional Luís da Silva para ilustrar a angústia do autor Graciliano (também ficcional como sabemos, mas que no diário não se sabe como inventado).

A página seguinte marca a data e o local da publicação 1937, grafado em tamanho grande e mais abaixo e menor: “Rio de Janeiro, Residência do romancista José Lins do Rego, Rua Alfredo Chaves - Largo dos Leões”. A especificação do endereço é um recurso que busca atestar a veracidade do episódio, pois é de fato o local da residência do autor de *Menino de Engenho*. Assim como episódio da passagem de Graciliano por lá, ao sair da prisão.

O diário se inicia em 14 de janeiro, um dia após Graciliano deixar a prisão e a abertura mostra um homem que se recusa ao próprio corpo: “Não sinto o meu corpo. Não quero senti-lo por enquanto. Só permito a mim existir, enquanto coexistência de

palavras.”(SANTIAGO, 1981:27). A declaração, reatualiza sua condição de homem de palavras.

O relato do diário vai ser preenchido com as sensações dos primeiros dias livres, a casa de José Lins, os cuidados da esposa do amigo, a visita dos companheiros intelectuais que querem que ele fale da prisão, quando ele quer falar de liberdade. As sensações do corpo posteriormente ressurgindo, junto com as reflexões sobre a literatura.

Desde o início, Graciliano mostra a natureza íntima do diário na qual se propõe: “Abandonar a ficção e adentrar-me pelo diário íntimo, deixando que o livro não seja construído pelo argumento ou pela psicologia dos personagens, mas pelos próprios caminhos imprevisíveis de uma vida vivida” (SANTIAGO, 1981:28). A reflexão seria bastante válida se o Graciliano em questão não fosse uma criação de Silviano, e portanto, tudo nele está a serviço da psicologia do personagem. Inclusive as referências metalinguísticas que constantemente faz: “Na ficção, o livro é organizado pelo romancista. No diário, toda e qualquer organização pode ser delegada ao leitor. Ele que se vire se quiser fazer sentido com as frases ou com enredo.” (SANTIAGO, 1981:28)

Ainda refletindo sobre o ato da escrita, o autor afirma invejar a leveza “deste escritor de bota de sete léguas que é José Lins”, sempre “alegre, risonho” pronto para um novo livro, enquanto para ele a escrita é laboriosa e pesada (SANTIAGO, 1981:28). Esta comparação entre sua obra e a de José Lins do Rego aparecerá constantemente no diário.

Ainda que se proponha a instrumento íntimo, o diário é o espaço para a reflexão política:

Não há neste país, a possibilidade de um diálogo concreto no campo político. Isto é triste e torna-me cético com relação ao meu instrumento de ação por excelência: A palavra. A palavra, ou bem é elogiosa ao chefe açu e ao caudilho mirim e o seu autor tem o lugar garantido no reino dos bem aventurados, ou bem é crítica, e é imediatamente calada por torturas infernais. Justiça de céu e inferno, de catete e de cadeia. Logo o fastioso monólogo que é a nossa História. (SANTIAGO, 1981:34)

Na citação fica explícito que Graciliano-Silviano se refere a seu próprio percurso de intelectual em um regime ditatorial, onde a história só tem espaço para o discurso elogioso e aqueles que ousam a discordar, assim como ele, são perseguidos.

Após o pessimismo inicial da prisão Graciliano resolve continuar sua carreira, incentivado por Zé Lins submete seu livro infantil *Terra dos meninos pelados* ao prêmio do Ministério da Educação, no entanto alerta que seu livro é uma criação alegórica. Pensando nos procedimentos de escrita afirma que:

O sentimentalismo, o realismo e a diferença de geração estão ao nível das intenções e não no nível da execução. Joguei constantemente com os dois níveis, é só espero que tenha obtido, no final, um verdadeiro conto maravilhoso que fala de problemas do homem concreto. Estão vendo que optei pelo caráter alegórico. O livro é sobre o conformismo e a divergência, a prisão e a liberdade. (SANTIAGO, 1981:136).

Deixando a casa de José Lins, Graciliano se aplica a um novo projeto literário, “mais substantivo que este diário”. Esta segunda parte do diário é aberta por uma epígrafe de Claudio Manuel da Costa, acerca da morte de Salício, antecipando o projeto ao qual Graciliano se dedicará e a própria natureza da ficção de Silviano.

Graciliano pensa que o projeto mais substancial deve abordar sua experiência na cadeia, mas de forma mais ampla.

Quero retomar a experiência da cadeia, porém sem fazer obra de realismo estreito, sem fazer narrativa de tipo jornalístico (como o Morel está querendo fazer). Quero qualquer coisa em torno da oposição entre política e o cárcere, qualquer coisa sobre o destino trágico do intelectual do intelectual no Brasil, sobre o desejo de morte e o desejo de vida, sobre o compromisso com os seus e a liberdade. (SANTIAGO, 1981:171).

Após uma viagem a São Paulo em que encontra Manuel Bandeira, atribulado com a incumbência de fazer um guia turístico de Ouro Preto, e após ouvir a conversa do poeta com João Alphonsus sobre a misteriosa morte de Claudio Manuel da Costa, Graciliano tem um misterioso sonho com o poeta mártir. O sonho descrito na obra é importante não só porque recupera um passado literário e político, mas porque projeta um futuro de mesmo teor. Ele é um recurso ficcional que Silviano se utiliza para cruzar dois tempos e duas vidas intermediados pela pessoa de Graciliano.

O sonho começa com o Graciliano no lugar de Cláudio Manuel, trancado em um quarto na Casa dos Contos, onde o poeta se suicidou, durante o processo da Devassa em 1789:

Via-a me a mim, vestido com roupas de época, sentado junto a uma mesa tosca de madeira, com a pena na mão, no momento mesmo em que escrevia “esperar cansa”. Escrevia na madeira da mesa, porque não havia uma folha de papel por ali. [...] Só saíam as mesmas palavras, empilhadas como se formassem as quatorze linhas de um soneto.

Via-me, de repente, tocar de leve a cinta que trazia à cintura. Via-me em seguida, agarrá-la com força e trazê-la até defronte dos olhos. Já, então, estava vestido a moderna, com um desses macacões que operário de fábrica usa. Estava sentado numa cadeira e tinha uma folha de papel à minha frente. Na mão uma caneta moderna. Escrevia agora, frases e mais frases. Tive pavor do conteúdo. No papel denunciava meus companheiros de rebelião, indicando como marcávamos os encontros, onde nos encontrávamos e quais idéias revolucionárias que tínhamos em comum. Rasgava a folha num gesto nervoso e brusco. [...] Tentava tirar o cinto do macacão, mas o macacão não tinha cinto. Estava de novo vestido como Cláudio. (SANTIAGO, 1981: 200).

Observamos que esta parte da narrativa de Silviano é muito engenhosa, pois ao ficcionalizar o sonho de Graciliano, ele insere o suicídio de Cláudio Manuel, ao mesmo tempo em que traz à cena o episódio contemporâneo do suposto suicídio do jornalista Vladimir Herzog. Cláudio, Graciliano, Herzog, três intelectuais vítimas de um sistema arbitrário que por meio dos recursos da ficção de Silviano são colocados num mesmo cenário. Como aponta Weinhardt (2006:141) “a multiplicidade temporal, constituída já pelo

tempo ficcionalizado (década de 30) e pelo tempo da escrita (anos 80), é ampliada pela evocação de uma terceira faixa” que abarca a vida de Cláudio Manuel da Costa, retomando a história literária e também a própria história do Brasil, “mas particularmente da história de outro momento em que o cerceamento da liberdade foi mais premente.” (WEINHARDT, 2006:141).

O final do sonho de Graciliano descreve o suplício do poeta sendo espreitado pela morte que prepara um laço com a cinta verde, indicando as barras da grade e depois asfixiando o em uma cadeira no canto da sala, retomando as circunstâncias e espaços da morte de Herzog na cela do DOI-CODI e a de Cláudio asfixiado a uma cadeira na casa dos Contos (SANTIAGO, 1981: 201).

Segundo Weinhardt (2006:141) as condições da morte descritas acima “insultam a inteligência dos contemporâneos, completam duas incógnitas na equação: na expressão dos nomes, Wladimir Herzog; na expressão dos momentos históricos, século XX, anos 70.”

Incomodado com o sonho, Graciliano decide fazer um conto sobre a morte de Cláudio. Investigando as condições históricas de sua morte, descobre que a história prefere colocar Cláudio como um suicida e mártir para que aqueles que o mataram não sejam implicados. Como projeto pessoal e literário “o mineiro oitocentista interessa a Graciliano não por suas virtudes como poeta, mas sim pelo dilaceramento do intelectual prisioneiro vitimizado pelo poder” (WEINHARDT, 2006:141).

Graciliano entende que “numa sociedade como a brasileira, qualquer movimento mais audacioso de oposição ter de ser, irremediavelmente, secreto. Sobrepassa, acima do segredo oposicionista, a verdade única e inquestionável, ditatorial, de um monarca, de um presidente.” (SANTIAGO, 1981:209). Contra a possível oposição de alguns “historiadores eruditos” acerca de suas teorias acerca da morte de Cláudio, Graciliano argumenta que “trago um corpo vivido, trago um corpo de chagas abertas e cicatrizadas, e é pela boca dessas marcas que a minha imaginação fala” (SANTIAGO, 1981:217).

No *Em liberdade* a dor do intelectual perseguido, ganha vida na palavra de Graciliano Ramos, graças aos elementos da história literária e do próprio discurso da ficção, as palavras de Silviano criam um Graciliano que por sua vez cria Cláudio Manuel, injustiçado como os contemporâneos de Silviano. Por meio da linguagem Silviano será Graciliano que será Claudio que será Herzog que será Silviano.

Uma última observação faz necessário, Silviano Santiago é um autor conhecido, não só como romancista, - função que tem desempenhado muito bem, após a publicação de *Em liberdade* -, mas também pelo seu papel na crítica e teoria literária brasileira. Neste sentido, a questão desenvolvida no romance-diário, sobre o papel do intelectual das letras e da arte engajada, foi desenvolvido no ensaio *Uma literatura anfíbia* (2002). Neste artigo, o crítico reflete sobre a importância e a dificuldade de se fazer uma arte reflexiva em um país em que

o intelectual representa uma classe minoritária e fala somente a sua própria classe, embora busque resgatar por meio de sua obra “os miseráveis, a fim de elevá-los à condição de seres humanos” (SANTIAGO, 2002:15). *Em liberdade*, também padece desse caráter anfíbio, busca refletir sobre um cenário mais amplo, que acolha os injustiçados políticos, mas só o faz utilizando um discurso próprio de intelectuais das letras.

Referências

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

ESTEVES, Antonio R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975 - 2000)*. São Paulo: UNESP, 2010.

JACKSON, David K. O cárcere da memória: *Em liberdade*, de Silvano Santiago. Trad. Leonardo Mendes. In: MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Navegar é preciso, viver*. Escritos para Silvano Santiago. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1997, p. 89- 110.

SANTIAGO, Silvano. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SANTIAGO, Silvano. Uma literatura anfíbia. *Alceu*, jul./dez., v. 4 - v.5, p.13- 21, 2002.

WEINHARDT, Marilene. O romance histórico na ficção brasileira recente. In: CORREA, Regina Helena M. A. (Org.). *Nem fruta nem flor*. Londrina: Humanidades, 2006, p. 131-172.